

Regularidades em mudança semântica: um estudo de caso no domínio da junção

*Regularities in semantic change:
a case study in the domain of junctions*

Recebido em 01 de julho de 2016. | Aprovado em 24 de outubro de 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.24206/lh.v2i2.10006>

Sanderléia Roberta Longhin¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar aspectos de regularidade em mudança semântica a partir da descrição, em perspectiva longitudinal, de duas trajetórias de mudança semântico-pragmática percorridas pelo juntor *enquanto*, que levaram à expressão de significados com grau mais elevado de subjetividade: *contraste*, que decorre da percepção de uma diferença, incompatibilidade ou conflito entre entidades comparáveis em alguma dimensão; e *condição*, que decorre da criação de cenários hipotéticos, fundados ou não na realidade. Fundamentando-me teoricamente em um modelo que confere à pragmática um papel fundamental na mudança semântica (TRAUGOTT; DASHER, 2002) e considerando como *corpus* textos de gêneros diversos representativos dos séculos XIII ao XXI, focalizo sobretudo o peso dos significados fonte, a natureza dos contextos que favorecem a emergência de polissemias e o estatuto dos significados novos.

Palavras-chave: mudança semântica; junção; polissemia; contexto.

Abstract: The aim of this paper is to analyze regular patterns in semantic change based on the description, from a longitudinal perspective, of two courses of semantic-pragmatic change followed by the junction *enquanto*, which have originated expressions of meaning with a higher level of subjectivity: *contrast*, which arises from a perception of difference, incompatibility or conflict between entities comparable at some level; and *condition*, which results from the creation of hypothetical scenarios, based on reality or not. Following a theoretical model which assigns a key role to pragmatics in semantic change (TRAUGOTT; DASHER, 2002) and considering the corpus to be composed of texts in different genres ranging from the 18th to the 21st century, I focus primarily on the weight of source meanings, the kind of context leading to the emergence of polysemy and the status of the new meanings.

Keywords: semantic change; junction; polysemy; context.

¹ Tem Doutorado em Linguística e atua como Professora Assistente Doutora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/ São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. longhin@ibilce.unesp.br. Este trabalho é produto de um projeto de pesquisa, *Junção e(m) mudança*, financiado pelo CNPq, na modalidade Produtividade em Pesquisa (304854/2014-0), e pela Fapesp, na modalidade Estágio de Pesquisa no Exterior (2015/04512-1).

Introdução

O sistema de junção do português é um lugar excepcional para testar hipóteses acerca de regularidades na mudança, dada a instabilidade que lhe é inerente e que pode ser apreendida nas contínuas remodelações, que se consolidam seja em processos de mudança semântica, seja em processos de gramaticalização. Na *mudança semântica*, o significado original pode recuar em favor do significado novo, que o substitui completamente; ou ambos os significados original e emergente podem conviver, num quadro polissêmico que, muitas vezes, permite entrever um significado primário e outros secundários, implicados em contextos altamente restritos. Por sua vez, os processos de mudança por *gramaticalização*, que incluem os de mudança semântica, apresentam uma complexidade maior, já que elementos de outras classes, tais como advérbios, preposições, nomes e verbos, têm reinterpretados seu significado e seu estatuto categorial, transmudando-se em juntor, o que traz consequências para a construção sintática como um todo.

O presente trabalho aborda um fenômeno de mudança semântica que apresenta uma complexa rede polissêmica, com possível distinção entre significados primário e secundário². Trata-se das construções de junção com *enquanto* que, no português contemporâneo, articulam estruturas binárias, estabelecendo as relações de *tempo*, *condição* e *contraste*, conforme exemplificam, respectivamente, (1)-(3), a seguir, extraídos de amostras de fala de São Paulo e do Rio de Janeiro:

- (1) (...) então você... faz o creme... **enquanto** ele esfria você faz o bolo. (IBORUNA/AC089)
- (2) (...) ele só pode fechar... a aeronave se a porta traseira, se a traseira tiver fechada... se não tiver abastecendo... porque **enquanto** tiver abastecendo a gente não pode fechar a porta do avião. [IBORUNA/AC051]
- (3) É muito magrinha. Nasceu com dois quilo, quarenta e cinco centímetros a criança, mas é uma coisa muito chata pra comer. Agora o João Pedro já mama peito e mama mamadeira, tem três meses tá óh. Isso aqui dele já não vê o pescoço, não vê nem o pescoço dele. **Enquanto** Catherine não come nada. (PEUL/R06)

Considerando a polissemia sincrônica de *enquanto*, ilustrada em (1)-(3), o objetivo deste artigo é descrever os desenvolvimentos semântico-pragmáticos que, ao longo do tempo, levaram *enquanto*, originalmente temporal, a assumir novos significados mais abstratos e subjetivizados, contraste e condição, que hoje convivem com o temporal. Filiando-me a um modelo de mudança semântica, nos moldes de Traugott e Dasher (2002), que concebe a mudança como um processo contínuo e gradual, passível de investigação em estágios sucessivos, com a emergência de polissemias, focalizo aspectos de regularidade em mudança semântica, especialmente o peso dos significados fonte, a natureza dos contextos que favorecem a emergência de polissemias e o estatuto dos significados novos. A unidade de análise não será propriamente a semântica lexical do juntor, mas a construção complexa que ele ajuda a constituir³.

Organizo o artigo em três partes. Na primeira, explico as bases teóricas e sistematizo tendências na constituição de jutores contrastivos e condicionais. Na segunda parte, trato dos critérios para seleção do material e recorte do *corpus* e esclareço as orientações metodológicas adotadas. Na última, apresento uma análise dos trânsitos diacrônicos que levaram à emergência dos significados novos, norteadas pelos padrões polissêmicos de *enquanto*. Fecho o artigo com as considerações finais.

1. Mudança Semântica

As mudanças semânticas que atingiram *enquanto* na história do português são investigadas, neste trabalho, à luz dos pressupostos da Teoria da Inferência Convidada (TRAUGOTT; DASHER, 2002), a IITSC, cuja

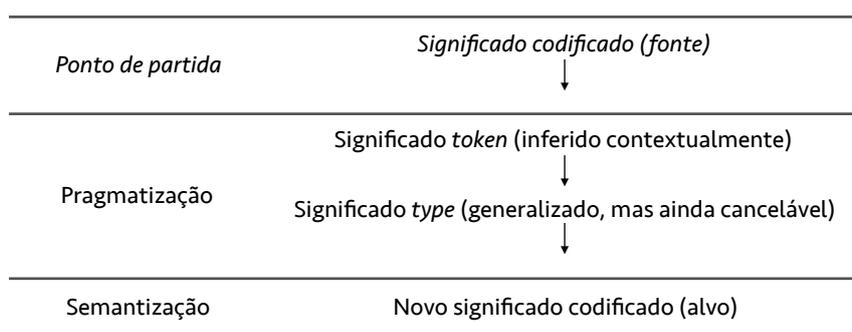
² À maneira de Kortmann (1997, p. 94), assumo que o critério mais decisivo para distinção entre os significados primário e secundário é a exigência de um contexto especial: os significados secundários, diferentemente dos primários, são sustentados por traços contextuais.

³ Sob o rótulo de *jutores* incluo as conjunções coordenativas, conjunções subordinativas, preposições, perífrases conjuncionais e preposicionais e alguns tipos de advérbios. O termo *construção*, empregado neste trabalho, se refere tanto à construção linguística de que *enquanto* faz parte, como também ao próprio estatuto construcional do juntor, que é fruto de reanálises categoriais (*em* + *quanto* + *que*).

essência reserva à *pragmática* o estatuto de força motriz do processo, ao conceber a mudança como estreitamente vinculada à atividade interacional dos participantes na situação comunicativa e à indissociável relação entre língua e seus contextos de uso. Para a IITSC, o falante ou escrevente tem um papel proeminente ao usar a língua para expressar mais do que é convencionalmente codificado, convidando seus parceiros ao cálculo dos sentidos implícitos, à produção de inferências.

As inferências pragmáticas que podem gerar significados novos, segundo a IITSC, estão associadas a contextos particulares, que agregam correlatos de ordem morfossintática e semântica a esquemas conceituais partilhados socialmente. Nessa perspectiva, a mudança de significado não atinge uma construção linguística isoladamente, mas se efetiva na contiguidade com outros elementos do entorno contextual. É essa contiguidade que pode levar uma construção a assimilar as propriedades associadas aos contextos, promovendo uma reanálise do significado, em que o que antes era apenas inferido contextualmente passa ser codificado na construção.

O percurso da mudança semântica, tal como concebido pela IITSC, prevê dois estágios fundamentais. No primeiro, há uma *pragmatização* dos significados⁴, com a emergência de significados inferidos contextualmente (significados *token*), que são, por natureza, instáveis e passíveis de cancelamento. Com o tempo, os significados *token* podem ganhar em saliência na comunidade linguística, com ampliação e generalização de seus contextos de uso, passando a assumir o estatuto de significados *type*. Ambos os significados *token* e *type*, característicos desse estágio, são inerentemente pragmáticos⁵. No segundo estágio, há uma *semantização* dos significados, em que o significado generalizado (*type*), amplamente explorado, torna-se codificado, desvinculando-se dos suportes contextuais que anteriormente garantiam sua interpretação. O Esquema 1, adaptado de Schwenter e Traugott (2000), é ilustrativo desse trânsito de significados:



Esquema 1. Trânsito entre significados, adaptado de Schwenter e Traugott (2000, p. 9).

É previsível que uma instância de mudança não avance para o segundo estágio e que permaneça disponível, durante séculos, em seu estatuto pragmático generalizado (*type*). No entanto, uma vez processada a semantização, dois outros cenários são possíveis: o de *layering*, com a convivência e especialização de ambos os significados fonte e alvo ou o de perda do significado fonte.

O desenvolvimento da IITSC foi perpassado por reflexões em torno das regularidades na mudança de significado, apreensíveis em perspectiva translinguística. Segundo Traugott e Dasher (2002), as regularidades residem fundamentalmente na previsibilidade da *direção* ou dos *caminhos* tomados pelos significados no curso da história. Esses caminhos nada casuais seriam determinados pela interação entre mecanismos *cognitivos* e *comunicativos* que, semelhantes entre as línguas, tendem a tornar os significados mais *abstratos*, *procedurais*, *subjetivos*, não o contrário.

Para Traugott e Dasher (2002), o principal fator que sustenta hipóteses relacionadas à direcionalidade das mudanças está na noção de *subjetivização*, definida como processo semasiológico, de natureza gradiente, pelo

⁴ Na literatura especializada, propostas que estabelecem paralelo entre tipologia de contextos e estágios evolutivos, como Heine (2002) e Diewald (2002), põem em relevo os estágios cruciais de pragmatização. Heine argumenta em termos de contextos *bridging*, que convidam a inferências induzidas pragmaticamente, prefigurando novos significados; ao passo que Diewald propõe os contextos *critical*, que abrigam as opacidades tanto de forma como de sentido, que constituem ponto de partida para as reanálises morfossintática e semântica.

⁵ A distinção entre tipos de significados, sustentada pela IITSC, se baseia na proposta desenvolvida por Levinson (1995), que reconhece os significados codificados, os significados inferíveis do contexto (similares às implicaturas conversacionais griceanas) e os significados generalizados. O primeiro é semântico e os dois últimos, pragmáticos.

qual, no curso do tempo, os significados se tornam crescentemente baseados na atitude ou crença do falante/escritor sobre a proposição, sobre as posições argumentativas assumidas ou ainda sobre o próprio evento comunicativo. Dependente da subjetivização está a *intersubjetivização*, fundada que é em uma subjetividade pela qual a atenção do falante/escritor com o ouvinte/leitor faz surgir inferências que podem produzir novos significados. Traugott argumenta que “The invited inferences involved in (inter)subjectification enrich meaning beyond what is meant (...) They are based in interaction and negotiation of meaning between speakers and hearers”. (TRAUGOTT, 2012)

Tendências na constituição de juntores contrastivos e condicionais

Em pesquisas sobre formação de juntores, há um consenso em torno da relevância das relações temporais (TRAUGOTT, 1995; 2012; KORTMANN, 1997; HEINE; KUTEVA, 2002; VISCONTI, 2003), o que se justifica, em parte, pelo fato de elas ocuparem uma posição intermediária nos canais históricos de derivação: podem figurar tanto no produto da mudança, como também no ponto de partida. Como produto, a reinterpretação de significados espaciais como temporais é, por exemplo, um canal produtivo nas línguas (port. *antes*). Mas é como fonte da mudança que as expressões temporais são muito mais férteis, estando na base da constituição histórica de juntores causais (ingl. *since*; al. *weil*), condicionais (ingl. *as long as, when*; it. *qualora*;) e contrastivos (ingl. *while*; it. *mentre, tuttavia*; fr. *toutefois*). A esse respeito, o trabalho tipológico de Kortmann (1997), ao reconhecer padrões de polissemia subjacentes às mudanças que atingem conjunções adverbiais, traz evidências de que a categoria de *tempo* é a que exibe as mais fortes afinidades semânticas com as relações CCCC (causa, condição, concessão e contraste). *Tempo* é, portanto, o domínio fonte preferido para emergência de significados conjuncionais, revelando um percurso de crescente complexidade, uma vez que as relações temporais são cognitivamente e informativamente mais básicas do que aquelas de CCCC, que requerem mais conhecimento e/ou mais evidências para a interpretação.

Vários fenômenos ilustram a reanálise de tempo em termos de contraste. Por exemplo, o significado de contraste por oposição de *mentre*, do italiano, derivou historicamente da simultaneidade temporal. A reanálise semântica teve início, segundo Mauri e Ramat (2012), no século XVI, quando surgem os primeiros contextos compatíveis com contraste, em que, além de veicular sentido temporal, a construção alimenta uma percepção em termos de oposição, graças à presença de pares antônimos (*tutta vs sola*), conforme (4). A partir do século XVIII, surgem contextos em que o valor de simultaneidade é excluído pela indicação explícita de uma distância temporal (*oggi vs ieri*), conforme (5). No italiano contemporâneo, convivem os valores temporal e contrastivo.

- (4) [...] **mentre** tutta la terra era innondata d'acqua, una mentre sola gocciola non li tocc
[port. **enquanto** a terra inteira foi inundada com água, nem uma gota tocou-lhes]
- (5) Come mai non ricevo oggi una sola linea da te, **mentre** ieri è stato operato l'arresto dell' amico?
[port. Como eu não recebo hoje uma única linha sua, **enquanto** ontem foi operada a prisão do amigo?]
(MAURI; RAMAT, 2012)

Outra instância do italiano descrita por Mauri e Ramat (2012) é *però*. Segundo as autoras, até o século XVI, *però* integrava construções causais, nas quais introduzia o efeito ou resultado. Com o tempo, passou a expressar contraste por quebra de expectativa, levando a acepção resultativa gradualmente ao desuso. A mudança teria sido motivada por contextos em que *però* era empregado em construções negativas, nas quais o escopo da negação incidia sobre o juntor, negando a sequência causal, conforme (6), extraído de Mauri e Ramat (2012). Nessa via interpretativa, o sentido de contraste emerge do contexto em que há uma relação conflituosa entre a expectativa da causalidade e sua negação explícita.

- (6) [...] bench' io sia, come i' sono, cupido di benificarti, e tu studiosissimo d' essermi ad utile e onore, **non però** fra noi sarebbe ch'io potessi riputarti amico, né tu di me potessi,[...]
[port. mesmo se eu fosse como eu sou, disposto a ajudá-lo, e você estivesse ansioso para ser útil para mim e me trazer honras, não seria, **portanto** (por tudo isso, apesar disso) possível para mim considerá-lo um amigo]

No catalão, Cuenca (1992) se refere a um processo de especialização de *mentre*, ainda em curso, que é bastante similar àquele do italiano: as orações articuladas com *mentre* (*que*), em catalão, também veiculam simultaneidade temporal. Para a autora, a frequente contiguidade entre *mentre* (*que*) e marcas explícitas de oposição possibilitou a reanálise do item como juntor contrastivo. Em (7), retomado de Cuenca (1992), as marcas

que asseguram a interpretação contrastiva estão na estrutura sintática paralela com pares de opostos (*ciutat vs carretera; accidentes de cotxe lleus vs sinistres mortals*).

- (7) En la ciutat és on hi ha una major proporció d' accidentes de cotxe lleus, **mentre que** en carretera la major part de sinistres són mortals.
[port. *Na cidade é onde há uma maior porção de acidentes de carro de menor impacto, enquanto que na estrada a maior parte dos acidentes é fatal*]

Quanto à reanálise de tempo em termos de condição, duas instâncias representativas são *as long as*, do inglês, e *qualora*, do italiano. No inglês medieval, segundo Traugott e Dasher (2002), *as long as* codificava tempo *coextensivo*, parafraseável por *durante o tempo em que*. Quando utilizada em contextos que remetem a situações passíveis de repetição, conforme (8), nos quais se descreve um procedimento a ser adotado em todas as ocasiões, a construção com *as long as* convida à inferência de condição: *até que ele necessite > se ele necessita*. Segundo os autores, essa inferência se tornou generalizada por volta do século XVII, conforme (9), em que, embora a leitura de condição seja a mais saliente, ainda preserva a temporal. No século XIX, a inferência de condicionalidade foi semantizada em *as long as*, tornando-se a única a leitura possível, conforme (10).

- (8) "squeeze (the medication) through a linen cloth onto the eye **as long as** he needs"
[port. *espremer o medicamento com um pano de linho sobre os olhos até que ele necessite*]
- (9) They whose words doe most shew forth their wise vnderstanding, and whose lips doe vtter the purest knowledge, **so as long as** they vnderstand and speake as men, are they not faine sundry waies to excuse themselues?
[port ... **enquanto** eles entendem e falam como homens, eles não estão...]
- (10) Galligan told the jury that it is proper for police to question a juvenile without a parent present **as long as** they made a "reasonable effort" to notify the parent.
[port. *Galligan disse ao júri que é apropriado para a polícia questionar um adolescente sem a presença dos pais, desde que tenha feito um "esforço razoável" para notificar o pai*]

No caso de *qualora*, são outros os contextos temporais que estão na base da derivação histórica. Segundo Visconti (2003), no italiano antigo, os usos de *qualora* estão vinculados a contextos *genéricos*, conforme (11), em que dois eventos ou estados estão fora do eixo temporal; e a contextos *habituais*, conforme (12), em que os dois eventos coocorreram com alguma regularidade. Nessas construções, *qualora* estava fortemente associado ao indicativo presente. A reanálise de tempo em condição teria se processado mais recentemente, nos séculos XIX e XX, levando *qualora* a ser usado exclusivamente no subjuntivo, com valor condicional, conforme (13).

- (11) Naturalmente l'animale odia il suo simile, e **qualora** ciò è richiesto all'interesse proprio, l'offende.
[port. *Naturalmente os animais odeiam seus similares, e sempre que é necessário ao próprio interesse, os agridem*]
- (12) [...] **qualora** non era con la sua Ambrosia, ogne contentezza e piacere in summa tristicia se convertia.
[port. *Sempre que estava longe de sua Ambrosia, toda a felicidade e prazer se transformaram em profunda tristeza*]
- (13) **Qualora** avvenissero dei mutamenti, vi prego di informarmene tempestivamente
[port. *Se houver qualquer alteração, por favor me informe imediatamente*]

As mudanças de *enquanto* apresentam-se como mais um fenômeno que tem origem no domínio temporal. A singularidade de *enquanto*, contudo, está no fato de que uma mesma forma segue duas diferentes trajetórias de mudança de significado, ambas em direção ao complexo domínio das relações CCCC. Nesse caso, interessa analisar propriedades da fonte temporal que ajudem a esclarecer a trajetória bipartida, correlacionando-as com os contextos disparadores das novas leituras e com as configurações atuais assumidas pelas construções.

2. Material e Métodos

Para a abordagem diacrônica das construções com *enquanto*, adoto como material de investigação uma coletânea de textos escritos em diferentes períodos da história do português brasileiro e europeu (PB e PE, daqui em diante). Visando a obtenção de uma amostra que favorecesse o reconhecimento de estágios sucessivos de

mudança, a constituição do *corpus* foi subsidiada por três critérios: temporal, textual qualitativo e textual quantitativo.

Quanto ao critério *temporal*, selecionei textos produzidos nos séculos XIII ao XXI, estabelecendo uma correspondência entre séculos e sincronias, exceto no caso dos séculos XIII e XXI. Como os textos do século XIII são escassos, tratei-os juntamente com os do XIV, e, como o século XXI é ainda incipiente, reuni os dados desse período aos do século XX, de modo que toda a descrição foi pautada em sete sincronias. O recuo a períodos pretéritos da língua levou obviamente à seleção de textos do PE, sobretudo para os séculos XIII a XVII. No material do século XVIII, há mescla de textos do PE e do PB e, a partir do século XIX, tomei somente textos do PB.

Quanto ao critério *qualitativo*, optei por textos representativos de diferentes tipologias textuais, distribuindo-os de forma balanceada o quanto possível para cada sincronia. Os textos compreendem: cartas pessoais e administrativas, cartas de leitores e de redatores de jornais, testamentos, alvarás, ofícios religiosos, cantigas, crônicas, sermões, hagiografias, narrativas históricas, prescrição religiosa, prescrição científica, entradas lexicais, diários de navegação, peças teatrais, regimentos, discurso político, prosa literária, receitas culinárias, poemas, textos jurídicos, artigo científico, relatos descritivos e relatos argumentativos. A decisão em favor da diversidade de tipologias resulta da preocupação em minimizar possíveis resultados enviesados por assimetrias na seleção dos tipos de texto.

Quanto ao critério *quantitativo*, considerando que o objeto de investigação repousa em construções morfossintáticas, que nem sempre são mostradas nos textos, já que concorrem com várias outras construções que expressam significados similares, a pesquisa requer uma grande quantidade de material para a obtenção de ocorrências. Além disso, como o propósito de comparar pede uma distribuição equilibrada de material entre as sincronias, para minimizar resultados enviesados por assimetrias no volume de material entre os séculos, estabeleci para as sincronias uma quantidade similar de material, que apurei em termos de número de palavras, entre 500 e 600 mil palavras para cada sincronia. Os textos que compõem o *corpus* foram extraídos das seis bases eletrônicas referidas a seguir. A relação completa dos textos, com suas respectivas siglas de referência, está em anexo.

- a) **Tycho Brahe** Parsed Corpus of Historical Portuguese: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>>.
- b) **CIPM** – Corpus Informatizado do Português Medieval: <<http://cipm.fcsh.unl.pt/>>.
- c) **BIT** – Banco Informatizado de textos do PROHPOR: <www.prohpor.org/#!bit-prohpor/c8lv>.
- d) **CDP** – Corpus Diacrônico do Português: <www.cdp.ibilce.unesp.br/corpus.php>.
- e) **BB** – Acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: <www.bbm.usp.br>.
- f) **PHPP** – Plataforma de Corpus do Projeto de História do Português Paulista: <<http://phpp.fflch.usp.br/corpus>>.

Em consonância com a IITSC, a investigação diacrônica estará fundada na polissemia, a partir da qual conjugarei as abordagens quantitativa e qualitativa. Descrevo qualitativamente as ocorrências em termos das nuances de significado, juntamente com os correlatos morfossintáticos de cada padrão. A frequência será tomada como uma ferramenta importante não só para a apreensão do gatilho da mudança, mas também de pistas acerca da propagação da mudança, nos casos em que é possível evidenciar generalizações e/ou convencionalizações, conforme postulado pela IITSC. Para identificação e descrição dos padrões polissêmicos de *enquanto*, o parâmetro norteador será a compatibilidade ou incompatibilidade da construção com os significados fonte e alvo. O significado fonte se refere ao valor temporal e o alvo se refere aos valores condicional e contrastivo. As possibilidades combinatórias resultam nos seguintes tipos de contextos:

FONTE:	compatível somente com o significado fonte (tempo)
DUPLA TC:	dupla compatibilidade com o significado fonte e alvo (condição)
DUPLA TA:	dupla compatibilidade com o significado fonte e alvo (contraste)
ALVO C:	compatível somente com o significado alvo condicional
ALVO A:	compatível somente com o significado alvo contrastivo

A expectativa é a de que o mapeamento dos contextos semânticos aliado à descrição das propriedades morfossintáticas recorrentes de cada um, em perspectiva longitudinal, permita reconhecer o *quando* e o *como* da constituição dos dois valores mais subjetivos de *enquanto*. Se essa expectativa se confirma, esse parâmetro metodológico permitirá ainda acompanhar as mudanças de *enquanto* como processos graduais, que se

consolidam em estágios sucessivos, nas duas trajetórias diacrônicas: uma em direção ao sentido de *contraste*, relação que decorre da percepção de alguma diferença, incompatibilidade ou conflito entre entidades comparáveis em alguma dimensão; e outra trajetória em direção ao sentido de *condição*, com a criação de cenários hipotéticos, fundados ou não na realidade.

3. A polissemia de *enquanto*

O mapeamento das construções com *enquanto* no *corpus*, excluídas as ocorrências que estão fora do escopo deste trabalho⁶, resultou em um total de 786 dados de *enquanto* (*que*). O Gráfico 1, a seguir, mostra a frequência percentual que resultou da aplicação dos cinco contextos semânticos, referidos anteriormente, aos dados de *enquanto*:

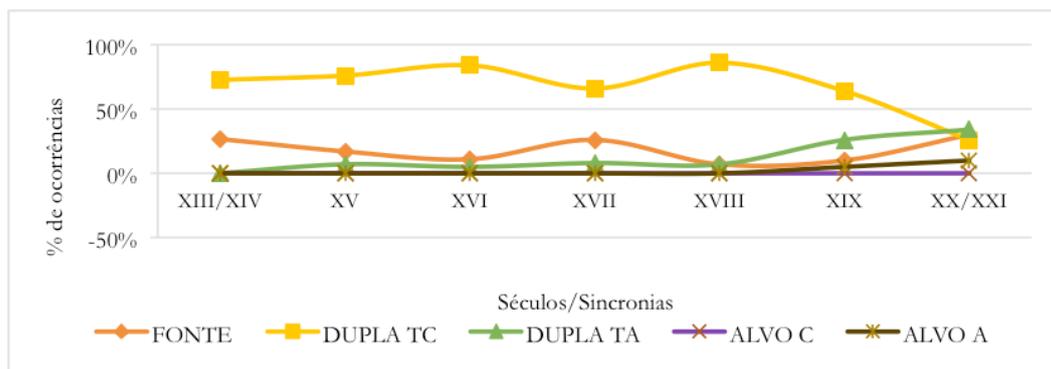


Gráfico 1. frequência dos contextos semânticos de *enquanto* em perspectiva longitudinal.

No Gráfico, há evidências sobre o *quando* dos usos das diferentes construções com *enquanto*. O contexto em que *enquanto* é compatível apenas com o significado temporal aparece em todas as sincronias, o que equivale a dizer que *enquanto* já era temporal no português arcaico e continua sendo no contemporâneo, onde concorre com outros jutores de natureza similar. Nesse contexto, o fato surpreendente é a constatação de uma polissemia entre os valores temporais de *enquanto*, que se desdobram em nuances de *simultaneidade*, *coextensão* e *habitualidade*.

Os contextos em que *enquanto* é duplamente compatível com tempo e condição (DUPLA TC) são altamente frequentes desde o século XIII/XIV (73%) e permanecem com as maiores frequências até o século XIX (64%), declinando somente nos dados dos séculos XX/XXI (26%). Não verifiquei contextos compatíveis unicamente com o significado condicional, com anulação do significado temporal.

Em contrapartida, os primeiros contextos de dupla compatibilidade entre tempo e contraste (DUPLA TA) surgem apenas nos dados do século XV, com frequência bastante baixa (7%), e essa situação perdura até o século XVIII (7%). Nos dados mais recentes, referentes aos séculos XIX e XX/XXI, esses contextos são muito mais frequentes (respectivamente, 26% e 34% dos casos) e passam a conviver, de forma crescente, com novos contextos em que *enquanto* (*que*) é compatível apenas com a leitura de contraste (em 5% e 10% dos casos). Verifica-se, assim, no português contemporâneo, uma situação de *layering* em que ambos os valores fonte e alvo, respectivamente tempo e contraste, são atestados no uso de *enquanto* (*que*).

Esses resultados apontam para a importância da diversidade temporal de *enquanto* na compreensão das trajetórias de mudanças de significado. Nas próximas seções, dou evidências de que as leituras de contraste e de condição são alimentadas por diferentes tipos temporais. Haveria, assim, mais de uma fonte temporal em jogo, o que justifica, de partida, um exame mais circunstanciado da rede polissêmica temporal de *enquanto*, que faço na próxima seção.

⁶ Não foram considerados os usos de *enquanto* em expressões do tipo *enquanto à*, *por enquanto* e *enquanto isso*.

3.1 - A complexa rede temporal de *enquanto*

A análise da dimensão temporal de *enquanto* pautou-se na tipologia proposta em Kortmann (1997), que combina referência temporal, propriedades aspectuais e informação lexical do subordinador para descrição dos inúmeros tipos temporais, demonstrando tratar-se de uma das mais extensas redes de relações adverbiais, ao lado de CCCC. Da proposta de Kortmann (1997), *enquanto* expressa quatro relações temporais não discretas, as quais denomino SIOVER (simultaneidade com sobreposição), SICOEX (simultaneidade com coextensão), TAQUEM (duração com limite) e CONTING (contingência), seguindo a terminologia do autor. As três primeiras, SIOVER, SICOEX e TAQUEM, expressam localização temporal não sequencial, de sobreposição ou concomitância, sendo que as duas últimas o fazem com coextensividade, ao passo que CONTING expressa situações de pluralidade indefinida, que abarcam generalização, habitualidade e iteração. O Quadro 1, a seguir, relaciona os quatro padrões temporais com uma breve descrição e exemplificação de cada tipo.

Padrão Temporal	Descrição	Exemplificação
SIOVER	<i>p se sobrepõe a q</i>	E, en quanto se deleitava en aquele mel, rroeram os ratos as rayzes da aruor de todo (15OE, 32) Em quanto Noe preparava os animais, que avia de sacrificar, sua molher, & noras juntavão as cousas necessarias (16DML, 61)
SICOEX	<i>p abre um intervalo temporal dentro do qual q é verdadeiro</i>	(...) enquanto eles estiverom com el rei e o conselharom, passou o reino bem. (14NL, 11) Enquanto houve que dar durou o amor, voou a fazenda, voou ele juntamente (15TSM, 7)
TAQUEM	<i>p identifica um limite no tempo futuro para o qual q é verdadeiro</i>	(...) em quanto o Comde Joham Fernamdez fosse vivo, nom avia de cessar do afazimento que com ell avia (15CDJ, 22) (...) e depois de embarcados nos demorámos a esperar que levantáce huã densa Lebrina a qual quaze sempre se encontra de manhaã, e á noite, e emquanto naõ levanta se naõ pode navegar (18CMD, 25)
CONTING	<i>nos casos em que p, q; sempre que p, q</i>	E, quando estes planetas entram en estes signos, se o signo he quente e o planeta he quente, assi como o Sol en Leo, e, porque o Sol he quente, dizen-lhe que he sua casa e entom faz elle, enquanto está en aquelle signo, todallas cousas e tempos seerem quentes (14LM, 20) He preciso começar pelas fricções, e perfume da roupa, não adormecer, em quanto se transpira, nem muda a camisa, em quanto ella não cessa. (19HPL, 38)

Quadro 1. Padrões temporais de *enquanto*, conforme aplicação da tipologia de Kortmann (1997).

A frequência dos padrões temporais de *enquanto* é variável e sensível às condições de uso em diferentes gêneros textuais. Em função da finalidade comunicativa dos textos, verifica-se uma predisposição maior à ocorrência de certas construções. Há, por exemplo, uma alta incidência de TAQUEM em textos prescritivos, como em *Systema ou coleção dos regimentos reaes*, século XVIII, em que 20 de um total de 23 ocorrências são de TAQUEM, conforme (14)-(15). A frequência de CONTING, por outro lado, é maior em relatos descritivos, como em *Tratado*

*descriptivo do Brazil, século XIX, conforme ocorrências (16)-(17). SIOVER é muito comum em narrações, como, por exemplo, em *Feliz ano velho*, século XX, conforme (18)-(19).*

- (14) Terá o Thesoureiro cuidado de ter apartadas as novas das velhas, para que **em quanto** ellas poderem servir, se não use das novas. (18SCR, 83)
- (15) Ordeno, que, **em quanto** Eu não mandar o contrario, se arrecade tudo pela fôrma abaixo declarada. (18SCR, 90)
- (16) Esta fructa é fria de sua natureza e boa para doentes de febres, tem ponta de azedo e é mui desenfasiada; e **em quanto** é nova, faz-se d'ella boa conserva; e **em quanto** não é bem madura, é muito azeda. (19TDB, 16-17)
- (17) Serigoé é um bicho do tamanho de um gato grande, de côr preta e alguns ruivaços; (...) as fêmeas tem na barriga um bolso em que trazem os filhos metidos, **emquanto** são pequenos, e parem quatro e cinco (19TDB, 24)
- (18) Mário começa a chorar e deita no colo do pai. Chora durante algum tempo **enquanto** ele o acaricia. (20FAV, 125)
- (19) Beto olha divertido para Salvador, **enquanto** Mário e Edu ouvem o papo um pouco afastados da roda. (20FAV, 113)

As construções temporais com *enquanto* mostram peculiaridades nos esquemas morfossintáticos que as realizam. O tipo de informação modo-temporal dos verbos das orações iniciadas por *enquanto*, relevante para a constituição dos sentidos, já é suficiente para estabelecer distinções. A Tabela 1, a seguir, ilustra, em números absolutos e percentuais, a correlação entre tempos/modos verbais e a tipologia temporal:

	Indicativo					Subjuntivo		
	PRES	PERF	IMPERF	FUTUR	+ Q PERF	PRES	IMPERF	FUTUR
SIOVER	134 (51%)	36 (14%)	85 (32%)	4 (- 1%)	2 (- 1%)	-	1 (- 1%)	-
SICOEX	70 (35%)	73 (37%)	49 (25%)	-	2 (- 1%)	-	3 (- 1%)	1 (- 1%)
TAQUEM	49 (18%)	21 (7%)	5 (1%)	2 (- 1%)	1 (- 1%)	4 (- 1%)	47 (17%)	144 (53%)
CONTING	46 (87%)	-	-	-	-	-	-	7 (13%)

Tabela 1. Correlação entre semântica temporal e codificação modo/tempo nas orações-*enquanto*.

As mais altas frequências, destacadas pelas hachuras, indicam uma polaridade quanto aos modos, em que SIOVER, SICOEX e CONTING, de um lado, se resolvem essencialmente no modo indicativo, e TAQUEM, de outro, se resolve no subjuntivo. Considerando o exame dos tempos, a caracterização entre os tipos ganha contornos mais precisos. As orações SIOVER, que se referem à sobreposição entre os eventos, estão associadas com presente e pretéritos. SICOEX e TAQUEM, que se aproximam na coextensão temporal, diferem essencialmente nos arranjos modo-temporais. Para SICOEX, são decisivos o indicativo presente e pretéritos, ao passo que, para TAQUEM, o subjuntivo futuro é que é bastante característico. CONTING, que se refere a fatos atemporais, realiza-se muito frequentemente com indicativo presente.

A seguir, focalizo os processos diacrônicos de emergência dos significados de contraste e de condição, contemplando a tipologia de contextos fonte e também os contextos alvo e de dupla interpretação, cujas frequências foram mostradas em seção anterior. Argumento que somente SIOVER está na base da constituição de contraste e que todos os demais, SICOEX, TAQUEM e CONTING, podem habilitar leituras de condição.

3.2 - O trânsito Tempo > Contraste

Nesta seção, descrevo o trânsito diacrônico entre as acepções temporal e contrastiva. A gradualidade da mudança pode ser vislumbrada por meio do mapeamento, ao longo das sincronias, dos contextos incompatíveis com contraste, dos contextos compatíveis com tempo e contraste e daqueles incompatíveis com tempo. Seguindo os vieses qualitativo e quantitativo, analiso propriedades semânticas e morfossintáticas das construções. Quanto às semânticas, priorizo a(s) nuança(s) de contraste, considerando os principais tipos de contraste reconhecidos na

literatura linguística: *oposição, refutação e quebra de expectativa* (LAKOFF, 1971; DUCROT, 1977)⁷. Quanto às morfossintáticas, examino a ordem das orações, a correlação modo-temporal e a correferencialidade dos sujeitos. As expectativas que subjazem a escolha dessas propriedades são as seguintes. A ordem é um correlato importante para a compreensão da mudança, pois, nas construções temporais típicas do português, a anteposição da oração temporal é preferida, sendo compatível com seu papel de *fundo* (NEVES; BRAGA, 2008), ao passo que, nas construções contrastivas, a posposição é a posição privilegiada. A correlação modo-temporal das contrastivas, seguindo padrões do português, envolve sobretudo os tempos do indicativo. O partilhamento de sujeitos pode ser um traço relevante, a depender da nuance contrastiva em jogo. Em geral, nos tipos de oposição, o preenchimento com sujeitos distintos, *i.é.*, a não correferencialidade, é a base para instaurar um par opositivo. Segue a análise a partir dos contextos de (in)compatibilidade.

(i) Contextos incompatíveis com contraste. Aqueles em que as construções com *enquanto* expressam somente significado fonte: simultaneidade temporal. Conforme ocorrência (20)⁸, *enquanto* é um subordinador temporal que articula dois eventos, em que o primeiro, encabeçado por *enquanto*, abre um intervalo de tempo (*durante o tempo em que andamos nessa mata cortando lenha*) dentro do qual o segundo evento deve ocorrer ao menos em parte (*os papagaios atravessaram as árvores*). Do ponto de vista morfossintático, realizam-se sempre no indicativo, muito frequentemente com pretéritos, e a ordem não-marcada do complexo oracional é anteposição da oração com *enquanto*, confirmando expectativas.

(20) e que toda maneira nõ se viesem a dormjr aas naos ajnda que os eles mandasem e asy se forã. **em quanto** andauamos neesa mata acortar alenha atrauesauam alguus papa gayos per esas aruores deles verdes e outros pardos grandes e pequenos. [**enquanto** andávamos nessa mata a cortar a lenha, atravessavam por essas arvores alguns papagaios verdes e outros pardos grandes e pequenos] (15CC, 97)

(ii) Contextos compatíveis com tempo e com contraste. Compreendem os contextos em que as construções com *enquanto* continuam expressando tempo simultâneo, mas são enriquecidas pragmaticamente com inferência de contraste. Corroborando Kortmann (1997, p. 192), "If a marker of Simultaneity Duration develops an additional or exclusive use as a marker of some interclausal relation belonging to another semantic network, this relation is most likely to be Contrast". Nos dados, são diversas as formas de dupla compatibilidade, em que ora o significado temporal se mantém primário, ora é o contraste que assume o primeiro plano, às custas de uma temporalidade opaca, sugerindo estágios graduais na constituição dos significados.

As primeiras inferências são bastante sutis e aparecem com frequência muito baixa, nos dados dos séculos XV ao XVIII. Consistem basicamente em *diferenças* que emergem da comparação entre os eventos simultâneos. É o caso, por exemplo, das ocorrências (21) e (22), em que a relação temporal persiste como significado primário, há marcação de diferença, mas não há um contraste propriamente dito.

(21) (...) e mesturaram se todos tanto comnosco que nos ajudauam deles aacaretar lenha e meter nos batees e lujtauam cõ os nosos e tomauam mujto prazer. E **em quanto** faziamos alenha, faziam dous carpenteiros huua grande cruz dhuu paao que se ontem pera yssso cortou. [**enquanto** faziamos a lenha, dois carpinteiros faziam uma grande cruz de um pau que ontem se cortou para isso] (15CC, 96)

(22) (...) posto que naõ o dezeio de comer mas a humana necessidade o trazia a isso nunca porem antes da ligitima hora. E **emquanto** nos outros comiamos, elle segundo seu costume se hia sempre como escondido a Igreja por causa de mais liurementemente orar, como verdadeiro solicitario [**enquanto** nós outros comíamos, ele segundo seu costume ia sempre comer escondido na igreja] (15VST, 1)

Nessas ocorrências e em outras do *corpus*, é bastante evidente um contexto linguístico que favorece a sinalização de diferenças: são contextos sintáticos paralelos, em que estruturas sintáticas similares se repetem e têm suas lacunas preenchidas por itens lexicais de algum modo antagônicos. Em (21), por exemplo, a recorrência

⁷ A *oposição* consiste na combinação entre orações que trazem pares de antônimos; a *refutação* consiste em uma manobra de negação seguida por correção e a *quebra de expectativa*, na combinação de orações cujos conteúdos apontam para conclusões distintas, que têm pesos argumentativos também diferentes.

⁸ Para apresentação dos exemplos, adoto a seguinte convenção: destaco *enquanto* com negrito, ofereço uma interpretação atualizada para as ocorrências mais antigas e, no final, entre parênteses acrescento a sigla que faz referência ao texto de onde foi retirada a ocorrência.

da estrutura com *fazer* e os preenchimentos distintos de suas lacunas argumentais (*nós vs eles; lenha vs uma cruz*) configuram pares semânticos passíveis de serem colocados em balança.

Os dados dos séculos mais recentes, XIX e XX/XXI, são reveladores de novos estágios da mudança: (i) os contextos de dupla interpretação são muito mais frequentes do que nos períodos anteriores (rever Gráfico 1), o que, conforme a IITSC, é um fator importante para generalização do significado contrastivo; (ii) as construções temporais que expressam diferença passam a conviver com construções em que um contraste por *oposição* está em primeiro plano; e, (iii) surgem as primeiras ocorrências da perífrase *enquanto que*.

Assim, nos dados desse período, além da relação temporal, as construções com *enquanto (que)* ou codificam diferenças, conforme (23) e (24), ou algum tipo de oposição, conforme (25) a (28). Como *oposição* é um tipo de contraste e *diferença* não necessariamente o é, essa distinção contribuiu para a avaliação da maior ou menor saliência das relações de tempo e contraste. Nesses termos, quando há somente o destaque de diferenças, a relação temporal está nitidamente em primeiro plano [+tempo, -contraste], porém, quando há oposição, é a relação de contraste que está em primeiro plano [-tempo, +contraste]. Além disso, seguindo Mauri e Ramat (2012), admito que, no âmbito da oposição, há nuances que indiciam maior objetividade ou subjetividade das relações e que, quanto mais a oposição se fundamenta na subjetividade, mais saliente é a relação contrastiva em detrimento à temporal. À maneira das autoras, aplico às ocorrências a seguinte classificação: se a oposição se instaura entre propriedades objetivas (quantidades, dimensões), a oposição é do tipo *objetiva*; se ela se instaura entre propriedades subjetivas (crenças, expectativas, avaliações), a oposição é do tipo *subjetiva*.

Diferença [+tempo, -contraste]

- (23) Nessa localidade, tratou o capitão de fortificar-se, **emquanto** o tenente explorava as circunvisinhanças. (20BM, 135)
- (24) O sabiá gorgeia placidamente, a paca percorre o abahulado do monte e o escamoso tatu vaga pela margem d'esses veios de crystalinas agoas que tao mesquinhos por ahi serpejam em tempos de verão, **emquanto que** o carvoeiro entoa suas endeixas de amor e de esperança. (19REN, 32)

Oposição objetiva [-tempo, +contraste]

- (25) Em contrapartida, os informantes do NURC utilizam apenas 14% de 'em', **emquanto** os falantes do Censo chegam a 46%, abonando o status não-padrão atribuído à preposição 'em'. (20RLD, 208)
- (26) Chegámos a poder contar 600 bandidos mortos, **emquanto que** nós tínhamos 10 destes e 60 feridos, não contando muitos contusos. (20BM, 187)

Oposição subjetiva [-tempo, +contraste]

- (27) O próprio Lightfoot explica que isso ocorre por uma questão de ponto de vista: **enquanto** ele e outros gerativistas olham para a língua interna, a maioria dos outros teóricos, defendendo uma visão coletivista de língua, olha para o todo e, por isso, vê como mudança o que para eles é apenas a sua difusão. (20RLD, 35)
- (28) (...) os Onayvanesses, são pequenos, valorosos, e barrigudos, tendo os cabellos mui cumpridos; os Anaynassones, são simples e de boa altura, bem feitos, mas mui preguiçosos, passam os dias dormindo, **em quanto que** as mulheres trabalham. (19FPA, 30)

Em (23) e (24), importa a simultaneidade dos eventos, já em (25)-(28), a criação de oposições é que é pragmaticamente mais relevante. Essas ocorrências reforçam a afinidade semântica entre simultaneidade temporal e contraste, já evidenciada nas mudanças de *mentre*, do italiano e do catalão, e nas várias instâncias investigadas por Kortmann (1997).

Quanto à morfossintaxe, nos contextos de dupla compatibilidade, as construções perifrásticas com *enquanto que* se mostram muito previsíveis: a oração-*enquanto* é sempre posposta, os sujeitos nunca são correferenciais e há uma estreita simetria modo-temporal entre as duas orações, especialmente envolvendo presente do indicativo. Já para as construções com *enquanto*, a morfossintaxe é parcialmente distinta: a ordem das orações é variável, há simetria modo-temporal envolvendo presente ou pretérito do indicativo e a não correferencialidade dos sujeitos é alta, atingindo 97% dos casos (72/74). Esses parâmetros morfossintáticos indiciam maior proximidade das construções de dupla de interpretação, principalmente as perifrásticas, com o domínio das contrastivas.

(iii) *Contextos incompatíveis com tempo*. Compreendem contextos em que somente a interpretação contrastiva é legítima, ficando excluída a acepção temporal original. A frequência de *enquanto que* (7/16) e de *enquanto* (9/16) compatíveis apenas com contraste é bastante similar no *corpus*. Esses contextos só aparecem nos dados do século XX/XXI, o que sugere tratar-se de um estágio de mudança bastante recente. As ocorrências (29) e (30), representativas desse tipo de contexto, são incompatíveis com SIOVER. Em (29), a presença do advérbio *anteriormente* evidencia um tempo sequencial, não simultâneo. Nesse caso, a leitura de contraste se fundamenta em um *antes*, em que se limitava à criação de “normas de arbitragem” e um *agora*, em que foram criadas “normas instrumentais”. Instaure-se, assim, uma oposição entre momentos no tempo em correlação com tipos distintos de normas. Em (30), a simultaneidade é excluída pela indicação explícita de sequencialidade e distância temporal, porém o recurso é outro. Aqui, passado e presente são trazidos pelas expressões *o dos antigos vs o nosso* e pela morfologia verbal (pretérito vs presente), e é no âmbito dessa distância temporal que é estabelecido o contraste entre *um açúcar que cristalizava nas canas* e *um açúcar que se espreme líquido e se condensa ao lume*. Do ponto de vista morfosintático, a posposição da oração com *enquanto* e a não correferencialidade dos sujeitos se firmam, respectivamente, como ordem preferencial e como correlato intrínseco da acepção contrastiva de *enquanto (que)*.

- (29) Somente ao assumir a missão de instaurar o bem-estar é que, com as bênçãos do voluntarismo jurídico, ousou criar normas obrigatórias. E especialmente normas instrumentais, as «normas de impulso», **enquanto** anteriormente se limitava à explicitação de «normas de arbitragem». (20RDF, 27)
- (30) Fizeram menção do açúcar Plínio, Dioscórides. Galeno e Hesíquio. Os botânicos, porém, discutem se este é o mesmo açúcar do nosso tempo. Os que sustentam que é outro dizem que o dos antigos se cristalizava nas próprias canas, **enquanto** o nosso se espreme líquido e se condensa ao lume. (20HDF, 98)

Em suma, as construções com *enquanto (que)* se especializam na expressão de contraste por oposição, com diferentes graus de objetividade e subjetividade. As ocorrências evidenciam que, embora tenha havido recuo do significado fonte, a interpretação contrastiva ainda requer sustentação contextual, destaque-se principalmente o papel do paralelismo estrutural e dos pares antônimos na criação das oposições. Assim, é possível afirmar que a mudança ainda não atingiu o estágio de semantização.

3.3 - O trânsito Tempo > Condição

Nesta seção, descrevo o trânsito diacrônico entre as acepções temporal e condicional. Como a dupla interpretação entre tempo e condição mostrou-se frequente em todas as sincronias (rever “Dupla TC”, no Gráfico 1) e como não verifiquei ocorrências que só admitem leitura condicional em detrimento à temporal, o procedimento de análise século a século, tal como fiz para o padrão contrastivo, não se aplica aqui. No entanto, os dados sugerem particularidades na trajetória de mudança, especificamente a existência de mais de uma relação temporal habilitando a leitura condicional. A interpretação condicional só não é legitimada em algumas poucas ocorrências de TAQUEM e de SICOEX, por isso opto por discuti-las em conjunto, comparando-as com as demais. Desse modo, a análise está centrada nos casos de dupla interpretação e privilegia as propriedades semânticas e morfosintáticas das construções.

Quanto às propriedades semânticas, examino as três fontes temporais que alimentam condição (SICOEX, TAQUEM e CONTING), apurando aproximações e diferenças, e descrevo o tipo de leitura condicional licenciada. Para tanto, tomo como base a classificação de Schachter (1971), que distingue entre os *condicionais simples*, inerentemente factuais, e os *condicionais imaginativos*, que refletem alguma noção de irrealidade. Os *simples* abrigam os tipos *presente*, *passado* e *genérico*; e os *imaginativos* abrigam os *hipotéticos* e *contrafactuais*. No conjunto dos *simples*, os condicionais *presente* e *passado* se referem, respectivamente, a eventos que tomam lugar no momento da enunciação e eventos que podem ter tomado lugar. Os *genéricos*, por outro lado, são atemporais e traduzem habitualidade. No conjunto dos *imaginativos*, os *hipotéticos* e os *contrafactuais* se referem, respectivamente, àqueles que podem ou não ocorrer e àqueles que nunca poderiam ocorrer. Os *preditivos* antecipam ocorrências de eventos futuros e são classificados entre os *simples*. Quanto às propriedades morfosintáticas, considero essencialmente a correlação modo-tempo-aspectual das orações.

O Gráfico 2, a seguir, permite avaliar, em perspectiva longitudinal, a frequência dos três padrões temporais que habilitam leituras de condição. TAQUEM se mantém como o tipo mais frequente ao longo de quase toda a história de *enquanto*, seguido por SICOEX. Já as frequências de CONTING são mais modestas.

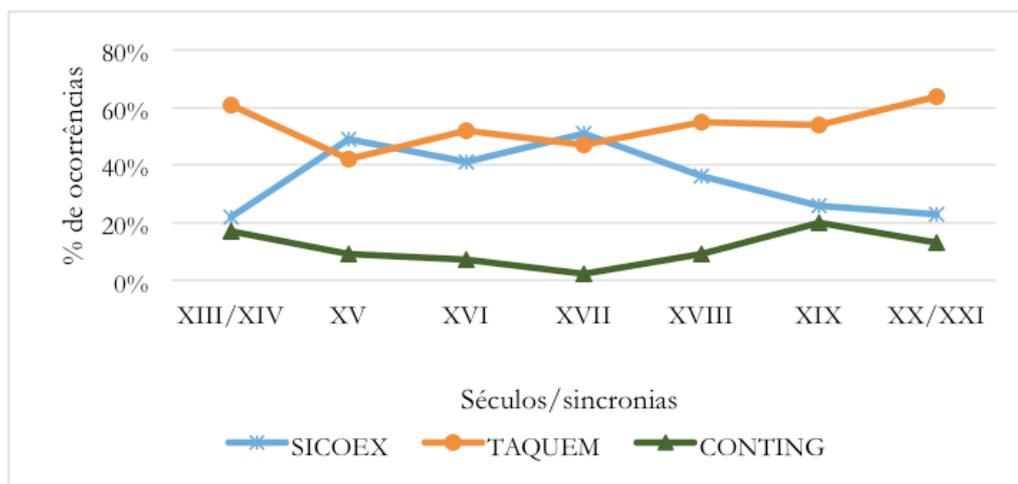


Gráfico 2. Frequência dos temporais compatíveis com condição em perspectiva longitudinal.

As ocorrências de TAQUEM caracterizam-se por veicular entre os eventos codificados pelas orações um sentido de coextensividade temporal, em que a duração de um dos eventos tem um limite no futuro. É o caso, por exemplo, de (31) a (33). Em (31), extraído de texto prescritivo, a coextensão temporal é tal que o conteúdo da oração principal traz os procedimentos que devem ser seguidos pelo porteiro, em todas as situações, e a oração temporal com *enquanto* aponta para um limite de tempo futuro dentro do qual esses procedimentos são válidos: *até o momento em que achar outros penhores*. Construída com futuro do subjuntivo, a oração-*enquanto* torna disponível uma leitura condicional: *se achar outros penhores*. Nesses termos, a duração de um evento (*até que achar outros penhores*) traz implicações para o outro evento (*não tomar o cavalo nem ir ao leito*), convidando à inferência pragmática de condição (C1, *até que* C2 ==> C1, *se* C2, em que C1 e C2 são os segmentos oracionais articulados por *enquanto*). (32) e (33) se prestam a interpretações similares.

- (31) costume é q(ue) o porteyro nõ deue a filhar caualo de caualeyro nen yr a seu leyto **enq(ua)nto** achar outros pegnores. (Lei 52) (13DCS, 3) [*o costume é que o porteiro não deve tomar o cavalo do cavaleiro nem ir a seu leito enquanto achar outros penhores*]
- (32) E isto porque elRey lhe tinha prometido não fazer outro Conde **em quanto** elle vivesse. (17DVH, 41)
- (33) Os casados não podem tornar a casar, **em quanto** a sua mulher, ou marido for vivo. (17CDC, 79)

Como mostram (31) a (33), nas instâncias de TAQUEM, o limite é uma situação futura, pretendida ou hipotética, e a construção se realiza com modo subjuntivo, futuro ou imperfeito (cf. Tabela 1). Esse correlato morfossintático é crucial para a interpretação condicional. Para os casos que não são construídos na futuridade, conforme (34) e (35), que envolvem o indicativo perfeito, a inferência de condição é bloqueada e a construção fica circunscrita à coextensão temporal.

- (34) Meteu-o dentro na cortina, & teve-o junto a sy **em quanto** durou a festa. (17NL, 49)
- (35) (...) porque a Igreja fe não abrió, **em quanto** a cegonha viveo; e eles hiaõ ouvir Missa a humas Capellas, que estavaõ fóra da Villa. (18SVP, 14) [*não se abriu a igreja, enquanto a cegonha viveu*]

No padrão temporal CONTING, todas as ocorrências habilitam leitura condicional. A semântica de CONTING expressa situações de pluralidade não-terminal, *i.é.*, situações que são repetidas regularmente em vários períodos de tempo e que, em geral, são concretizadas em sentenças genéricas, habituais e pluriocasionais (HEBERLEIN, 2011). Nesses casos, a repetição regular e/ou necessária convida à inferência de condição (*toda vez que/sempre que* C1, C2 ==> *se* C1, C2). No *corpus*, identifiquei casos de construções genéricas e habituais. Em ambos os casos, a oração-*enquanto* se realiza preferencialmente com indicativo presente (cf. Tabela 1), à maneira dos usos temporais genéricos e habituais de *qualora*, do italiano, discutidos anteriormente.

No rol das *genéricas* inclui as construções que remetem a situações que se repetem como 'leis', seguindo Dahl (1975:99), para quem "(...) the common semantic property of all generic expressions is that they are used to express law-like, or nomic, statements". Nos dados de *enquanto*, elas se conformam a declarações *descritivas*, que expressam leis físicas e biológicas, conforme (36) e (37), e a declarações *normativas*, que expressam normas sociais, morais e costumes, etc., conforme (38) e (39). Nas construções *habituais*, diferentemente das *genéricas*, os eventos coocorrem com algum tipo de regularidade, conforme (40) e (41), mas não há necessidade ou obrigatoriedade, não se trata de lei. Em ambos os casos de CONTING, prevalece o aspecto imperfeito⁹.

- (36) (...) e respondendo a flor de lis da agulha ao norte ou a ponta da declina se contarão os graos da largura da agulha com a qual saberemos quanto ella nordestea, ou noroesteia pellas Regras seguintes, das quais as tres primeiras serue **emquanto** o sol anda nos sinos do norte a saber dos 21 de Março ate 24 de Septembro em Aries, Taurus, Gemine, Cancer, Leo, Virgo as três derradeiras, estão acomodadas (16MNS,32)
- (37) Nas mesmas arvores vemos, que **em quanto** estaõ ornadas de flores, perderá as diligencias quem lhe buscar os frutos; pois para se colherem estes, não ha de haver aquellas. (18SVP,4)
- (38) E deusses o bispo a deytarsse en prezes ante o altar rrogando a Deus por elles que lhys perdoe e **enquanto** ele esto fezeere sempre eles deuem iazer tendudos en terra e orando e rrogando a Deus que nõ cate a sseus pecados que ssom muytos e grandes. (14PP, 5) [*E devesse o bispo colocar-se em oração diante do altar, rogando a Deus por eles, que lhes perdoasse, e enquanto ele fizer isso sempre eles devem estar estendidos no chão, orando e rogando a Deus*]
- (39) (...) he hum poder, em que parece está depositado, ou delegado o poder de Deos: depois que sahe daquele centro para dividir-se, ou repetir-se, logo se altera: **em quanto** está no throno, he puro; se se affasta delle, degenera; (18RVH, 75)
- (40) (...) quando a cadella parir, logo a devem de guardar que non mate os cadelinhos, ca muytas vezes acontece que, quando algũa cadela pare, tanto que o cadelinho he nado, que algũa ha hi que, en querendo-o alimpar daquello con que elle naçe, que, em alimpando-o ho come. Outrosi he **enquanto** os cadelinhos son pequenos e sua madre se quer lançar, non os sabe guardar e lança-se sobre eles e mata-os (14LM, 13) [*Quando a cadela parir, devem cuidar que ela não mate os filhotes, pois muitas vezes acontece que ela vai limpá-los e acaba comendo-os. O mesmo acontece enquanto os filhotes são pequenos e a sua mãe não sabe cuidar e lança-se sobre eles matando-os*]
- (41) E, quando o caçador lhe quer tomar os filhos, uay ao luguar hu os ella tem, **em quanto** ella hy nõ esta, e toma-os e leua-os em cima de huñ caualo muy ligureyro. (15OE, 38) [*quando o caçador lhe quer tomar os filhos vai ao lugar onde ela os teve, enquanto ela ali não está, toma-os e leva-os em cima de um cavalo*]

O padrão temporal SICOEX é caracterizado semanticamente por uma simultaneidade temporal com coextensividade entre os conteúdos dos eventos. Em razão da coextensividade, aproxima-se de TAQUEM, havendo entre eles um trânsito frequente (KORTMANN, 1997). A diferença entre TAQUEM e SICOEX está no fato de que TAQUEM identifica o ponto final do intervalo de tempo em que SICOEX é verdadeiro. Do ponto de vista morfossintático, nos dados de *enquanto*, as construções SICOEX se realizam por meio de formas do indicativo, com prevalência de presente e de pretéritos (cf. Tabela 1). A morfologia de indicativo de SICOEX é uma característica distintiva decisiva, uma vez que TAQUEM está fortemente associada ao subjuntivo.

Nas ocorrências de SICOEX, conforme (42) e (43), a duração da simultaneidade entre os eventos tem uma implicação causativa, que permite uma inferência de condicionalidade, a depender de certos correlatos contextuais envolvidos. Nesse caso, é a informação aspectual que parece mais decisiva. Assim, o imperfeito, como em (42) e (43), favorece a inferência de condição (*porque/se dava, era mortal; porque/se dura o casamento, há estes males*), ao passo que o perfectivo, como em (44), falha (*porque/?se estiveram com el rei e o aconselharam, o reino passou bem*). A afinidade entre SICOEX e condicionalidade reforça os achados de Kortmann (1997, p.192), para quem "If a marker of Simultaneity Co-Extensiveness develops an additional or exclusive use as a marker of some interclausal relation belonging to another semantic network, this relation is most likely to be Condition".

⁹ Segundo Heberlein (2011), a associação de aspecto imperfeito com situação de pluralidade indefinida e da perfectividade com pluralidade definida tem uma motivação funcional: a suspensão do limite da situação, que está implicada no aspecto imperfeito, atua como um mecanismo para abstração da instanciação atual das situações que são descritas e para consideração da totalidade das situações individuais como situações globais.

- (42) Pero que alguũs dizem que a si mesmo como elle que era ele daua e elle mesmo era o que sse daua **em quanto** daua era mortal e podia resçeber morte e payxan. (15S, 15) [**enquanto** *dava era mortal e podia receber morte e paixão*]
- (43) Esta molher he a nossa carne que he cassada cõ o nosso spiritu, e, **em quanto** dura este cassamento e ajudamento, ha hy estes males e outros muytos. (15OE, 41) [**e enquanto** *dura esse casamento ou ajuntamento, há aí estes males e outros muitos*]
- (44) Andava i dom Joham Afonso, o Boo, senhor d'Albuquerque e de Medelim, eram ambos muito amigos, e **enquanto** eles esteverom com el rei e o conselharom, passou o reino bem. (14NL, 11) [*eram ambos muito amigos e enquanto eles estiveram com el rei e o aconselharam, o reino passou bem*]

Quanto ao tipo de relação condicional expressa nas construções com *enquanto* fundadas em TAQUEM, CONTING e SICOEX, aplicando a proposta de Schachter (1971), reconheci nos dados todos os tipos de condicionais simples (*presente, passado, genérico e preditivo*) e um tipo de imaginativo (*hipotético*). O Gráfico 3, a seguir, correlaciona os três tipos temporais fonte às possíveis nuances condicionais. Parece haver uma distribuição complementar, em que os condicionais *genéricos* são expressos unicamente por CONTING, os *preditivos* e *hipotéticos*, que remetem a situações futuras, especialmente por TAQUEM, e os condicionais *presente* e *passado*, preferencialmente por SICOEX e, em menor escala, por TAQUEM.

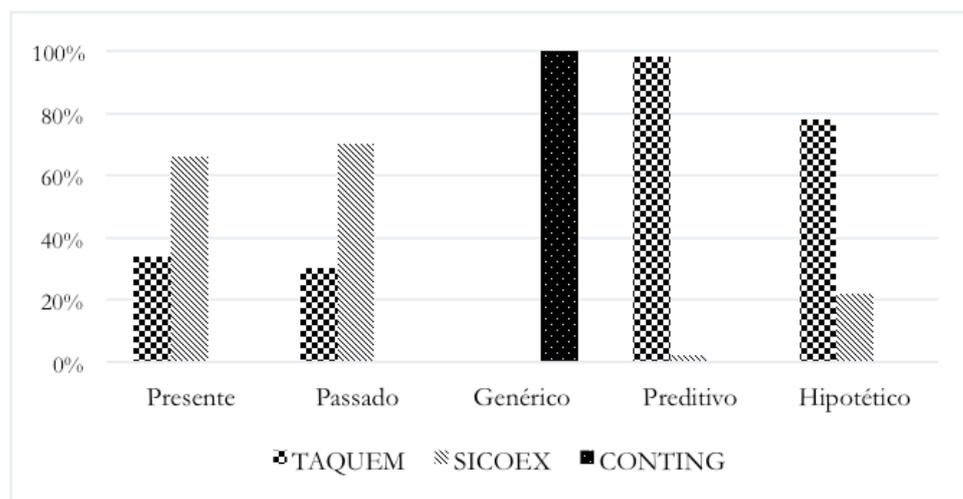


Gráfico 3. Correlação entre tipos temporais e as nuances de condição.

As ocorrências (45) a (49) são representativas das afinidades entre as fontes temporais e os tipos condicionais. Em todos os casos, informações do contexto linguístico, principalmente tempo, modo e aspecto, intervêm na maneira como os conteúdos das orações são relacionados. Aliados aos fatos do contexto linguístico estão os contextos pragmáticos, que abrigam na forma de modelos inferenciais as experiências e o conhecimento acerca do mundo (ZIV, 1993). Para as construções com *enquanto*, é possível afirmar que pistas do contexto linguístico acionam expectativas que fornecem a base interpretativa que confere plausibilidade à leitura condicional.

Condicional *Presente* (base temporal SICOEX):

- (45) Mas o Participio, **em quanto** tem casos, não he adequate Verbo; porque a definição do Verbo diz: *Neque in casus declinatur*. (17VS, 110) [**quando/porque/se** *tem casos, não é adequado ao verbo*]

Condicional *Passado* (base temporal SICOEX):

- (46) E **em quanto** as armas de Espanha andavam prósperas estavam as províncias com alguma confiança (16GZ, 34) [**e quando/porque/se** *as armas de Espanha andavam prósperas, as províncias estavam com alguma confiança*]

Condicional *Genérico* (base temporal CONTING):

- (47) O Grillo, **emquanto** a planta he pequena, corta rente da terra, & sendo já crescida, também se atreve a cortarlle as folhas (18COB, 53) [*O Grillo, quando/sempreque/se a planta é pequena, corta rente da terra*]

Condicional *Preditivo* (base temporal TAQUEM):

- (48) Os casados não podem tornar a casar, **em quanto** a sua mulher, ou marido for vivo. Se morrer algum deles, então poderá o que ficar vivo, casar com outra. (17CDC, 79) [os casados não podem tornar a casar, **quando/se** a sua mulher ou marido for vivo]

Condicional Hipotético (base temporal TAQUEM):

- (49) O Dr. Guillié compreendeu bem que o director do Instituto dos cegos estaria sempre em uma posição falsa e difícil, e que este mesmo Instituto não poderia adquirir verdadeira importância **em quanto** estivesse anexo ao hospício de Quinze-Vingts (19IMC, 5) [não poderia adquirir **quando/se** estivesse anexo ao hospício]

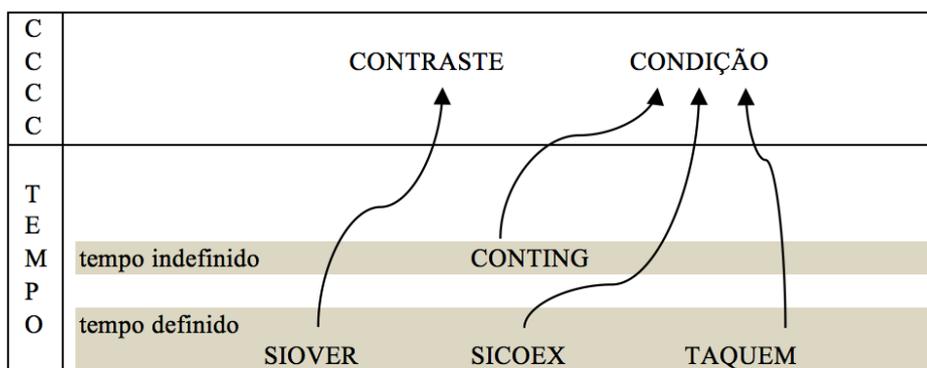
As ocorrências em (45) e (46), de base em SICOEX, expressam uma condicionalidade real construída a partir de implicações causais no mundo. Em (47), de base em CONTING, a condicionalidade é genérica, construída a partir de declarações descritivas que se conformam a 'leis' biológicas. Já as ocorrências em (47) e (48), de base em TAQUEM, são as que mais se afastam da realidade, expressam condicionalidade preditiva e hipotética, respectivamente.

Considerações Finais

Partindo dos pressupostos de que a mudança semântica é gradual e de que depende de contextos específicos para ocorrer, analisei o processo de subjetivização dos significados expressos por *enquanto*, na história do português, entendendo-o como um lugar privilegiado para apreensão de aspectos da regularidade da mudança. As duas trajetórias de mudança do *juntor* foram descritas como duas instâncias de subjetivização que decorrem essencialmente da pragmatização dos usos temporais de *enquanto* em contextos restritos.

Se, desde o início, era evidente que os significados de contraste e de condição têm graus mais elevados de subjetividade, em razão da própria natureza dessas relações lógico-discursivas, por outro lado, não era óbvia a rede polissêmica da fonte temporal de *enquanto*, tão determinante para compreensão das rotas distintas de mudança, como também não eram óbvios os contextos linguísticos responsáveis por disparar e sustentar os significados novos, e as nuances contrastivas e condicionais licenciadas nas construções. A exploração da polissemia do significado fonte, o reconhecimento dos arranjos linguísticos que mobilizam inferências de oposição ou de suposição, e a descrição das nuances de contraste em termos de *oposição objetiva* e *subjetiva*, e de condição *presente, passado, genérico, preditivo, hipotético* trouxeram evidências de que a subjetivização é um processo gradiente e que os caminhos percorridos por *enquanto* corroboram tendências de mudança verificadas também em outras línguas.

Para finalizar, à maneira de Kortmann (1997), apresento no Esquema 2 um esboço das trajetórias de *enquanto* em direção à expressão de contraste e de condição:



Esquema 2. Mapa semântico das trajetórias de *enquanto* em direção à contraste e à condição.

O esquema permite vislumbrar, mais uma vez, a primazia das relações temporais na derivação de significados conjuncionais cognitiva e informativamente mais complexos, contraste e condição.

Referências bibliográficas

- CUENCA, Maria Josep. Sobre l'evolució dels nexes conjuntius en Català. *Llengua & Literatura*, v. 5, p. 171-213, 1992.
- DAHL, Östen. On generics. In: KEENAN, Edward. (ed) *Formal semantics of natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975, p. 99-111.
- DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse. (ed) *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- HEBERLEIN, Fritz. Temporal clauses. In: BALDI, Philip; CUZZOLIN, Pierluigi. (eds) *New perspectives on historical Latin syntax: Complex Sentences, Grammaticalization, Typology*. Berlin: Mouton de Gruyter, vol. 4, 2011, p. 235-372.
- HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse. (ed) *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2002, p. 83-102.
- HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- KORTMANN, Bernd. *Adverbial Subordination. A Typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1997.
- LAKOFF, Robin. If's And's and But's about conjunction. In: Fillmore Charles, Langendoen Terence (eds) *Studies in linguistic semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971, p. 114-149.
- MAURI, Caterina; RAMAT, Anna Giacalone. The development of adversative connectives: stages and factors at play. *Linguistics*, 50 (2), p. 191-239, 2012.
- NEVES, Maria Helena de Moura; BRAGA, Maria Luiza. As construções hipotáticas adverbiais. In: NEVES, Maria Helena; ILARI, Rodolfo (org) *Gramática do português culto falado no Brasil - Classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 937-1015.
- SCHACHTER, Jacquelyn. *Presupposition and counterfactual conditional*. University of California, Los Angeles, Ph. D., 1971.
- SCHWENTER, Scott; TRAUOGOTT, Elizabeth. Invoking scalarity: The development of *in fact*, in *Journal of Historical Pragmatics*, 1, p. 7-25, 2000.
- TRAUGOTT, Elizabeth. Subjetification in grammaticalization. In: STEIN, Dieter; WRIGHT, Susan (eds) *Subjectivity and subjectivisation: linguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 31-54.
- _____. Pragmatics and language change. In: ALLAN, Keith; JASZCZOLT, Katarzyna. (eds) *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 549-566.
- TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- VISCONTI, Jacqueline. From temporal to conditional: Italian *qualora* vs English *whenever*. In: JASZCZOLT, Katarzyna; TURNER, Ken (eds) *Meaning through language contrast*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003, p. 23-50.
- ZIV, Yael. Causality and context dependence. *Belgian journal of linguistics*, v. 8, p. 187-200, 1993.

Anexo

Relação completa dos textos que compõem o corpus com as respectivas siglas de referência

Século XIII e XIV: Notícia de Torto (13NT); Testamento de Afonso II (13TA); Foro Real de Afonso X (13FR); Dos Costumes de Santarém (13DCS); Tempo dos Preitos (13TP); Textos Notariais (13TN); Documentos Notariais (13DN); Chancelaria D. Afonso III (13CA); Cantigas de Amor (13CAM); Cantigas de Escárnio de Maldizer (13CEM); Cantigas de Amigo (13CO); Cantigas de Santa Maria (13CSM); Flos Sanctorum (14FS); Arte de Trovar (14AT); Crónica Geral de Espanha (14CGE); Primeira Partida (14PP); Narrativas de Linhagens (14NL); Livro de Montaria (14LM); Foros de Garvão (14FG); Crônica Afonso X (14CA); Vida de Santos (14VS); Bíblia medieval portuguesa (14BMP); Demando do Santos Graal (14DSG); Flos Sanctorum (14FLOS).

Século XV: A Carta de Pero Vaz de Caminha (15CC); Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela (15EBC); Orto do Esposo (15OE); Livro das três virtudes (15LTV); Crónica do Conde D. Pedro de Meneses (15CCP); Vida de Santa Maria Egípcia (15SME); Tratado de Confissom (15TC); Penitencial de Martim Perez (15PMP); Crônica D. Pedro I (15CDP); Crónica dos Feitos de Guiné (15CFG); Leal Conselheiro (15LC); Livro dos Ofícios de Marco Tullio Ciceram (15LO); Gramática de João de Barros (15GJB); Crônica del-Rei D. Afonso Henriques (15CDA); Teatro de Francisco Sá de Miranda (15TSM); Crônica del-Rei d. Diniz, de R. de Pina (15CDD); Teatro de Gil Vicente (15TGV); Vida de São Teotônio (15VST); Sacramental (15S); Crônica D. João (15CDJ).

Século XVI: Poesia e Pintura de Manuel de Almeida (16PP); Monarchia Lusitana (16ML); Da Monarchia Lusitana (16DML); Décadas (16D); Cartas de D. João III (16C); Discursos vários políticos (16DP); Gazeta de M. Galhegos (16GZ); História da Província de Santa Cruz (16HP); Da pintura antiga (16PA); Corte na aldeia e noites de inverno (16CAN); Perigração (16P); A vida de Frei Bertolameu dos Mártires (16VFB); Colóquio dos Simples Drogas e cousas medicinais da Índia (16CSD); Carta dos Primeiros Jesuítas (16CP); Um manuscrito náutico seiscentista reencontrado (16MNS); Teatro de Antonio Ribeiro Chiado (16TC); Teatro de Antonio Ferreira (16TAF).

Século XVII: Trattados das festas, e vidas dos santos (17TF); Relaçam diaria do sitio, e tomada da forte praça do Recife... (17RDS); Trattado das tregos e suspensao do todo o acto de hostilidade e bem assi de navegação, commercio [...] (17TT); Chronica delrey D. loam I (17CDJ); Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal (17CCI); Vida do venerável padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesv, Thavmatvrgo do Nouo Mundo, na Prouincia do Brasil (17VVP); Dialogos de varia historia em que se referem as vidas dos senhores Reyes de Portugal (17DVH); Nova Lusitania, historia da guerra Brasilica (17NL); Maria Rosa Mystica (17MRM); Cartas do Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus (17CPV); Catecismo da doutrina Christaa Na lingua Brasilica da Nação Kariri (17CDC); Voz sagrada, politica, rhetorica, e metrica ou Supplemento às Vozes Saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo, a eminente sabedoria do padre Antonio Vieira [...] (17VS).

Século XVIII: Dizertação a respeito da Capitania de São Paulo e sua decadência de 1781 (18DC); Dizertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente de 1780 (18CSA); A vingança da cigana: drama jocoserio de hum só acto para se representar no Real Theatro e S. Carlos (18AVC); Descrição da grandiosa quinta dos Senhores de Bellas, e noticia do seu melhoramento (18DDG); O Fazendeiro do Brazil - Bebidas alimentosas (18OFB); Historia dos principaes lazaretos d'Europa, acompanhada de diferentes memorias sobre a peste[...] (18HPL); Systema, ou collecção dos regimentos reaes, contém os regimentos pertencentes à administração da Fazenda Real (18SCR); Caminhando mato dentro: documentos de ouro do século XVIII (18CMD); Reflexões sobre a vaidade dos homens, ou viscursoes moraes sobre os efeitos da vaidade (18RVH); Supplemento ao Vocabulario Portuguez e latino (18SVP); Breve Compendio e Narraçam do funebre espectáculo, que na insigne Cidade da Bahia [...] (18BC); Cultura e opulência do Brasil por suas Drogas e Minas (18COB); Helminologia portuguesa (18HP).

Século XIX: Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX (19CCB); Correspondência passiva de Washington Luiz (19CWL); Sangue limpo (19SL); Romances e novelas (19REN); Três discursos do Illmo. e Exmo. Sr. Paulino José Soares de Souza, ministro dos negócios estrangeiros (19TD); Historia e descripção da febre amarella epidemica: que grassou no Rio de Janeiro em 1850 (19HDF); Tratado descriptivo do Brazil em 1587 (19TDB); O Instituto dos Meninos Cegos de Paris: sua historia, e seu methodo de ensino (19IMC); Physiologia das paixões e afecções (19FPA); Systema de materia medica vegetal brasileira (19SMM); Luxo e vaidade: comedia em 5 actos (19LV); Breves considerações sobre a historia e cultura do cafeeiro e consumo de seu produto (19BCH); Os

voluntarios da patria: drama em 3 actos (19OVP); Do principio e origem dos indios do Brasil e de seus costumes, adoração e ceremonias (19DPO); Notícias para a História e Geografia das nações ultramarinas (19NHG).

Século XX/XXI: Brasil marcial: synthese histórica (20BM); Almanak Historico-Litterario do Estado de S. Paulo (20AHL); O cozinheiro dos cozinheiros (20CDC); Dialogos das novas grandezas do Brazil (20DNG); Revista de Linguística Diadorim (20RLD); O Governador das Esmeraldas: peça nacional histórica em tres actos (20OEG); A sciencia no lar moderno (20CLM); Obras completas (teatro) (20OC); Historia dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil [...] (20HDF); O café na história, no folclore e nas belas-artes (20CHF); Compêndio narrativo do peregrino da América (20CNP); Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (20RFD); Feliz ano velho: roteiro cinematográfico (20FAV).